

Um ano depois das diretas

A memória nacional: poucas gerações em quase 500 anos de História do Brasil tiveram a chance de ver passar diante de seus olhos uma semana como esta. Quem assistiu, nem que fosse pela televisão, aos funerais de Tancredo Neves, com seus cortejos sem fim em São Paulo, Brasília, Belo Horizonte e São João del Rey, tem o direito de se considerar daqui para a frente testemunha de um acontecimento genuinamente histórico — embora, como a maioria dos marcos históricos, não se saiba o que será o futuro, mas apenas que uma parte do passado está sepultado.

Na história destes quase cinco séculos contam-se nos dedos fatos destas dimensões. A Independência, a Proclamação da República, a Revolução de 1930, a volta dos pracinhas da II Guerra Mundial, o fim da ditadura em 1945 e, é claro, a campanha das diretas que sacudiu o país de janeiro a abril do ano passado.

A liturgia solene e reverente dos últimos anos evaporou nestes três dias de cortejo fúnebre. Apesar de toda a tristeza, o povo foi às ruas numa celebração, dissolvendo preconceitos arraigados na vida brasileira.

Pela primeira vez o povo entrou no Palácio do Planalto, desde a sua construção. E entrou quem quisesse entrar. Os soldados que montavam guarda em torno do caixão de Tancredo — e até patentes mais altas que circulavam pelo salão nobre — viram dezenas de militantes do PC do

B, a fina flor do radicalismo de esquerda, cercarem o Palácio com faixas e refrões. Antes disso o povo já se encarapitara num tanque Urutu nos 20 quilômetros que separam o aeroporto da capital do Palácio. “Decidimos não coibir. Era preciso deixar que o povo chorasse”, explicava depois o ministro do Exército, general Leônidas Pires Gonçalves.

Não se esgotam aí as cenas impensáveis há um ano — até porque nos comícios das diretas o governo e as Forças Armadas ficaram à distância, fingindo que não estava acontecendo nada. Nas ruas, a polícia em geral chamada para reprimir multidões estava ajudando. Em Belo Horizonte soldados da polícia militar socorreram pessoas que, esbafori-

das, derrubaram grades para entrar no Palácio da Liberdade. Um deles fez do seu capacete uma cuia para molhar a cabeça dos que desmaiavam.

Embrulhadas em bandeiras nacionais, assoviando o hino apenas como uma canção, as multidões tomaram conta de símbolos reservados para rituais marciais, de acordo com a mesma cartilha de solenidade que inventou cursos de moral e civismo e a propaganda gongórica dos anos Médici. Recuperou-se a civilidade do convívio entre representantes do antigo regime e seus inimigos. Na missa de terça-feira no Palácio do Planalto o ex-presidente Geisel e o deputado Ulysses Guimarães cumprimentaram-se durante o ofertório. Hábitos antigos na capital vêm mesmo caindo em desuso. Nos ministérios ninguém mais usa — nem os ministros — os elevadores privados, sagrada garantia de sigilo.

Os costumes são outros. Hoje faz um ano que o povo estava chorando nas praças a derrota da emenda Dante de Oliveira, a das Diretas Já. Imaginou-se aí que a chama da campanha tinha se apagado e que o mais competente acordo político bordado na história do país tinha mais uma vez driblado a aspiração popular. Os funerais devolveram às ruas multidões ainda maiores do que a dos comícios. Elas sepultaram também uma parte do passado. Isso em si não define o futuro mas mostra que não pode passar despercebida a enorme mudança que está em curso.



*Sinal de mudança:
no cortejo o povo se
pendura no Urutu*